



XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento

Mar del Plata – Argentina
22, 23 e 24 de novembro de 2017
ISBN: 978-85-68618-03-5



TUTOR: UM PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO

Bernadete OSV Dias

Universidade Federal de São João del Rei

bernadete@ufsj.edu.br

Maria do Carmos Santos Neta

Universidade Federal de São João del Rei

sneta@ufsj.edu.br

Pablo Luiz Martins

Universidade Federal de São João del Rei.

pablo@ufsj.edu.br

RESUMO

Educação a Distância apresenta marcas e características específicas que a concretizam num tempo e espaço diferenciado, estabelecendo uma dinâmica continuada e aberta de aprendizagem, de tal maneira que o indivíduo possa se tornar sujeito ativo de seu conhecimento. Um dos sujeitos envolvidos na EAD – o tutor – está inserido no sistema da Universidade Aberta do Brasil como um bolsista, com atribuições (direitos e deveres) especificados em resoluções no âmbito federal. A tutoria é uma atividade que demanda tempo e ocupação constante, como um trabalho qualquer. Nessa direção, quem é esse tutor? Esse trabalho, nesse viés, tem como objetivo entender quem é esse profissional, como relaciona-se com essa atividade de tutoria e compreender sua identidade profissional a partir de sua percepção. Assim, realizou-se uma pesquisa envolvendo os tutores, por meio de um questionário estruturado, para responder as questões apresentadas. Os resultados indicam que os tutores gostam de estudar e trabalhar com a educação a distância, são dedicados comprometidos e responsáveis, disciplinados, persistentes, observadores e curiosos. Consideram a atuação como tutor como uma carreira, embora transitória.

Palavras-chave: Educação a distância – Tutor – Identidade – carreira

1 - Introdução

As características do mundo moderno, em constante transformação social, econômica e cultural, invadem o mundo do trabalho, refletindo no contexto organizacional e educacional, exigindo o desenvolvimento de novos conhecimentos, habilidades e atitudes, com o aprimoramento das práticas de trabalho para uma maior competitividade e produtividade (Fisher, 1998). Novos valores decorrentes dessa nova ordem sugerem novas formas de percepção e interpretação da sociedade como um todo e suas formas de produção, assim como novos formatos, processos e papéis sociais com capacidade de reinventar estratégias e estruturas constantemente para que se desenvolva a geração de valor em mercados altamente competitivos.

Dentro do contexto dessa nova sociedade, novas tecnologias e novas práticas de comunicação possibilitaram as mudanças dos conceitos de tempo e espaço que privilegiaram o desenvolvimento de novos formatos educacionais diferenciados da educação tradicional, onde educandos e educadores compartilham o mesmo espaço e tempo para atingir os objetivos da aprendizagem. Nesse sentido, desenvolve-se a Educação a Distância - EAD nos últimos anos como alternativa para sujeitos que tinham a necessidade de formação contínua e permanente e que por alguma razão não pode ou não quer participar de cursos tradicionais de educação presencial.

Um desses sujeitos envolvidos na EAD – o tutor – está inserido no sistema da Universidade Aberta do Brasil como um bolsista, com atribuições (direitos e deveres) especificados em resoluções no âmbito federal. Como bolsista, muitas vezes, assume essa atribuição como um bico, como uma forma complementar de renda, embora tenha como atribuição intermediar a comunicação entre material impresso, material on line e o docente responsável pela disciplina.

A tutoria é uma atividade que demanda tempo e ocupação constante, como um trabalho qualquer. Nessa direção, quem é esse tutor? Esse trabalho, nesse viés, tem como objetivo entender quem é esse profissional, como relaciona-se com essa atividade de tutoria e compreender sua identidade profissional a partir de sua percepção.

Assim, realizou-se uma pesquisa envolvendo os tutores, por meio de um questionário estruturado, encaminhado aos tutores via email para responder as questões apresentadas.

O debate conceitual sobre identidade individual e coletiva e suas abordagens centradas em diferentes perspectivas são apresentadas para logo em seguida expor os resultados da pesquisa. Espera-se contribuir com o conhecimento e desenvolvimento de novas pesquisas em educação a distância, assim como conhecer esse sujeito em construção.

2 – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD

Moran (2002) diz que Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente e que vem modificando todas as formas de ensinar e aprender, inclusive as presenciais, que começam a utilizar cada vez mais metodologias semipresenciais, flexibilizando a necessidade de presença física, reorganizando os espaços e tempos, as mídias, as linguagens e os processos. (Moran, 2011)

É uma modalidade que apresenta marcas e características específicas que a concretizam num tempo e espaço diferenciado, estabelecendo uma dinâmica continuada e

aberta de aprendizagem, de tal maneira que o indivíduo possa se tornar sujeito ativo de seu conhecimento. Além disso, utiliza materiais educativos, sustentada por meios e formas de comunicação diferenciados, num trabalho autônomo de construção do conhecimento, baseado nas trocas aluno-professor, aluno-tutor, aluno-aluno e professor-tutor situados em diferentes espaços.

Mill (2010) diz que há uma equipe de trabalhadores que desempenham as atividades do trabalho docente em EaD, sendo o trabalho extremamente fragmentado. A esse conjunto articulado de trabalhadores, necessário para a realização das atividades de ensino-aprendizagem na EaD, o autor denomina de polidocência.

Por sua vez, o reconhecimento oficial para a educação superior a distância no Brasil surge com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Federal n. 9.394, de 1996. Ela estabelece no artigo 80 a validade e o incentivo do Poder Público à EaD, em todos os níveis e modalidade de ensino:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por Instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registros de diplomas relativos aos cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. (BRASIL, 1996).

Em 2006, foi instituído o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, voltado para o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País, constituído de instituições públicas de ensino superior credenciadas pelo Ministério da Educação.

Desde então, vem sendo desenvolvido pelas instituições credenciadas um modelo de educação a distância que sustenta um sistema para o oferecimento de cursos (de graduação, especialização e aperfeiçoamento) com qualidade, apoiado em resoluções do Ministério da Educação, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE e da CAPES.

As resoluções estabeleceram orientações e diretrizes para o pagamento de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes dos cursos dos programas de formação superior no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e definiram os beneficiários destas bolsas.

Os “Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância”, estabelecido pelo Ministério da Educação em 2003 e atualizado em 2007 (BRASIL, 2007) estabelece que o Projeto Político Pedagógico de um curso na modalidade à distância deve apresentar uma Equipe multidisciplinar com funções de planejamento, implementação e gestão dos cursos a distância, em que três categorias profissionais são essenciais para uma oferta de qualidade: docentes, tutores e pessoal técnico-administrativo.

A Resolução N°008/2010/FNDE diz quem é o tutor:

profissional selecionado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1 (um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação pós-graduada, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. O valor da bolsa a ser concedida é de R\$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais) mensais, enquanto exercer a função. Cabe às IPES determinar, nos processos seletivos de tutoria, as atividades a serem desenvolvidas para a execução dos Projetos Pedagógicos, de acordo com as especificidades das áreas e dos cursos.

O bolsista – tutor do Sistema UAB tem as seguintes atribuições:

- Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e os cursistas;
- Acompanhar as atividades discentes, conforme o cronograma do curso;
- Apoiar o professor da disciplina no desenvolvimento das atividades docentes;
- Estabelecer contato permanente com os alunos e mediar as atividades discentes;
- Colaborar com a coordenação do curso na avaliação dos estudantes;
- Participar das atividades de capacitação e atualização promovidas pela Instituição de Ensino;
- Elaborar relatórios mensais de acompanhamento dos alunos e encaminhar à coordenadoria de tutoria;
- Participar do processo de avaliação da disciplina sob orientação do professor responsável;
- Manter regularidade de acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e dar retorno às solicitações dos cursistas no prazo máximo de 24 horas;
- Apoiar operacionalmente a coordenação do curso nas atividades presenciais nos pólos, em especial na aplicação de avaliações.

3 - IDENTIDADE

As questões quem sou eu, ou quem somos nós, nos leva ao modo de como nos localizamos e concebemo-nos nesse mundo, além de como concebemos o Outro e como com ele interagimos. Essas questões são elaboradas dinamicamente pelos sujeitos que indicam o seu desenvolvimento, numa interação contínua com o meio onde vive. Indicam a sua inserção no mundo e sua relação com o outro que conduz ao significado do termo identidade. Da mesma forma, a identificação só existe como tal enquanto representação de imagens que se forma a partir da visão do Outro, esse outro enquanto uma unidade comparável ao eu.

O tema identidade é bastante discutido em várias áreas do conhecimento, observado por diversas vertentes e dimensões. O processo de construção de identidades não se constitui sozinho, mas em continuo movimento de troca simbólico - histórico e cultural. Como construção, envolve a desconstrução e reconstrução, interagindo com os valores culturais da sociedade.

Advinda da lógica, da álgebra e da filosofia clássica, identidade teve vários significados. De acordo com Caldas e Wood Jr. (1997), indica permanência, uniformidade, continuidade, nem sempre bem utilizados nas ciências sociais. Para esses autores, duas dimensões podem ser combinadas: a dimensão individual e a coletiva e a dimensão do interno para o externo, tentando integrar identidade e identificação.

Do ponto de vista sociológico, a realidade é fruto de experiência subjetiva e intersubjetiva, construída socialmente, sendo percebida e construindo significados pelos indivíduos de acordo com os diferentes grupos sociais aos quais pertencem. Assim, o indivíduo constrói a realidade social e é ao mesmo tempo construído por ela (BERGER E LUCHMANN, 2005).

A identidade se expressa no modo de ser, pensar, sentir, agir e interagir do sujeito, permitindo-lhe e permitindo-nos dizer quem ele é. Coloca o homem em relação as suas dimensões sócio-histórico-culturais, constituindo - o como sujeito social.

Dessa forma, podemos considerar que toda e qualquer identidade é construída socialmente. A principal questão, na verdade, diz respeito "a como", "a partir de que", "por quem", e "para que" isso acontece. O conteúdo simbólico de uma identidade depende de quem a constrói e para que é construída. Indivíduos, grupos sociais e sociedades reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em determinada estrutura social, que define certa visão de tempo e espaço.

Pesquisas da sociologia, da psicologia e da psicanálise buscam redefinir identidade, incluindo aspectos sociais e relacionais, trazendo uma conotação de fenômeno social ao termo. Hall (2005) desenvolve em seus estudos a noção da constituição da identidade a partir da interação do sujeito com o outro e com a coletividade, na qual pessoas significativas para o indivíduo funcionavam como mediadoras de valores, sentidos, símbolos, cultura do mundo, sendo o sujeito constituído por suas relações sociais cotidianas. Neste sentido, a identidade interligaria o mundo pessoal e o público, o interior e o exterior, o sujeito e a estrutura.

As pessoas buscam uma estabilidade na construção de sua história, o que tem sido complicado pois, em período de intensas e profundas mudanças, ou da mudança como um fetiche (GREY, 2004), os atributos simbólicos da organização tendem a ser alterados (FERNANDES, 2008). Muitos são os estudos realizados sobre a identidade organizacional, em diversos aspectos, entendendo-se em vários deles, a preservação dos atributos organizacionais que vão, aos poucos, incorporando as identidades pessoais (WOOD e CALDAS, 2006).

Os trabalhos de Cooley (2004) e Mead (2004), de Tajfel e Turner (1987), levaram a três propostas de orientação da identidade: pessoal (comparação de traços individuais com os dos outros), relacional (benefícios de papéis desempenhados diante do outro, na comparação com o padrão estabelecido) e coletiva (comparação do perfil do sujeito ao protótipo do grupo a que pertence) (HATCH e SHULTZ, 2004), que mobilizam o sujeito ao autoconhecimento, à ação e à auto-avaliação. Esses três níveis existem de maneira simultânea no sujeito, mas dependem de contextos e momentos para serem ativados e podem motivar muito do comportamento dos indivíduos no ambiente de trabalho. Portanto, o sujeito pode construir várias identidades ao longo de sua vida.

Grey (2004) observa que os processos de mudança têm sido vistos como algo tão comum e necessário que se tornam um verdadeiro "fetiche", o que na análise de Albert, Ashforth e Dutton (2000), tomado quanto à intensidade das mudanças, envolve o papel das organizações na construção das identidades dos sujeitos. Através de processos identificatórios, as organizações podem favorecer a auto-definição e auto estima na medida

em que oportunizam às pessoas um sentimento de pertença mais estável; mas, diante de mudanças, rupturas e instabilidades, reforça-se a transitoriedade, quebrando o valor do que era antes rígido, forte e duradouro. Transferindo-se para as pessoas a construção de sua trajetória profissional, tem-se a necessidade de busca de novos valores que as levem a diferentes formas de legitimação (DIMAGGIO, POWEL, 1995). Isso poderia provocar crises identitárias nas pessoas (BAUMAN, 2005), quebrando redes, conexões firmes e seguras, e relacionamento maduros, muitas vezes com impunidade.

3 - IDENTIDADE: PERSPECTIVA INDIVIDUAL

Os estudos de identidade que enfocam a perspectiva individual são apresentados por alguns autores como referência: Charles Horton Cooley (1864-1929) - *Human Nature and the Social Order*(1902); Georg Herbert Mead (1863- 1931), *Mind, self and society* (); Erving Goffman (1922-1982), *The presentation of self in everyday life* (1959) e *Estigma*(1967); Erik Erikson (1902-1994) – *Identidade, juventude e crise*(1967).

Para Cooley (1902), sociólogo americano, a sociedade se constituiria a partir de um processo interativo entre indivíduo e organização social. Sociedade e indivíduo não são fenômenos inseparáveis, mas aspectos coletivos de uma mesma coisa, ou seja, o indivíduo é considerado como um membro de um todo social, sendo a sociedade e o indivíduo em uma relação orgânica considerados como indissociáveis, ou seja, não há sociedade ou grupo sem uma visão coletiva das pessoas e da mesma forma não há pessoa que não possa ser considerada como uma visão particular dos grupos sociais. A única coisa real é a Vida Humana, que pode ser considerada em um aspecto individual ou no social, ou seja, um aspecto geral, mas é sempre, por uma questão de fato, tanto individual e geral. Como não há sociedade ou grupo que não é uma visão coletiva das pessoas, portanto, não há pessoa que não pode ser considerada como uma visão particular dos grupos sociais.

Para esse autor, o individualismo e o socialismo, como tese e antítese, cada pessoa é considerada um agente independente e todos os fenômenos sociais são pensados como originários da ação desses agentes. O indivíduo é a fonte, o independente, a única fonte humana, dos acontecimentos e sociedade e o indivíduo, considerado como causas distintas ; *individualismo primitivo*, expressão tem sido usada para descrever a visão de que a sociabilidade segue individualidade no tempo, é um produto posterior e adicional de desenvolvimento e uma *visão social*.

Por sua vez, para Mead (1973), o self seria a dimensão da personalidade composta pela consciência que um sujeito tem de si mesmo :

“ A organização do *self* é, simplesmente, a organização, pelo organismo individual, da série de atitudes sobre seu meio social que está em condições de adotar.” (1973, p. 128).

O conceito de self, a dimensão da personalidade composta pela consciência que um sujeito tem de si mesmo, é conceito chave para esse autor. Não pode existir à margem da sociedade: o self nasce com a experiência social, não é algo puramente biológico, não é parte do corpo humano, nem nasce com o indivíduo. Sem contato social, o corpo pode se desenvolver, mas não o self.

“...é impossível conceber um self surgido fora da experiência social” (MEAD, 1973, p. 172).

Pesquisando o desenvolvimento de conceitos na obra de Freud, percebemos que este

autor elabora alguns conceitos que vão se relacionando ao longo do tempo. O conceito de identificação aparece em vários textos ao longo da obra de Freud, desdobrando-se em identificações que irão demarcar o eu como instância identificatória. Desde a “Interpretação dos sonhos” e o “Eu e o isso”, assume progressivamente o valor central que faz dela a operação pela qual o sujeito humano se constitui (LAPLANGE, 2006:228).

Para Erikson(1987), identidade e identificação têm raízes comuns, o percurso existencial de cada indivíduo gira em torno da construção de um sentimento de identidade. É ainda um fenômeno que se processa ao longo da vida do indivíduo, atuando como mecanismo regulador das interações sociais e da presença do outro na vida pessoal.

Erikson para exemplificar o sentimento de identidade ou o que chama de “sentimento subjetivo de uma revigorante uniformidade e continuidade” analisa duas declarações de conceituados autores: uma de Willian James que descreve um sentimento de identidade” o caráter de um homem é discernível na atitude mental ou moral que diz “Isto é o que realmente eu sou”) e outra de Sigmund Freud. Essa, segundo Erikson, foi a única vez que Freud usou o termo “identidade”, como sentimento de um povo, revelando que a identidade de uma pessoa ou grupo pode ser relativa à de outras pessoas ou grupos e que o orgulho de conquistar uma identidade forte pode significar uma emancipação interior da identidade de um grupo mais dominante. Essas duas declarações são apresentadas por Erikson para estabelecer as dimensões da identidade e

“Explicar por que motivo o problema é tão universal e, no entanto não difícil de apreender; pois estamos tratando de um processo “localizado” no âmago do indivíduo e, entretanto, também no núcleo central de sua cultura coletiva, um processo que estabelece de fato, a identidade dessas duas identidades...” (ERIKSON, 1987, p. 21).

Assim, a formação da identidade compreende o processo essencial no âmago do indivíduo e a inserção na cultura coletiva. Identificação por sua vez, diz respeito às pessoas significativas com que o adolescente convive. Estas funcionam como um modelo de identificação e são como um espelho que lhe devolve a imagem que a sociedade tem a seu respeito.

Goffman(1974) utiliza uma abordagem sócio-psicológica no estudo da identidade do indivíduo institucionalizado nas "instituições totais", bem como da identidade do indivíduo estigmatizado, isto é, do indivíduo plena e socialmente rejeitado assim como indivíduo que representa papeis. O foco de seus estudos é chegar a uma versão sociológica da estrutura do eu.

Quando o indivíduo desempenha papeis fundamentais seja como personagem, uma figura admirável ou como ator fabricante de impressões, ou como personagem, como uma espécie de imagem, tenta induzir os outros que é digno de crédito. O “eu, como um personagem representado surge em uma cena dramática, com o interesse em saber se será acreditado ou desacreditado. Como ator, treina seu papel, aprende e se expõe pouco.

No prefácio do Livro “A representação do eu na vida cotidiana, o autor diz que

Considerarei a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas. (GOFFMAN, 1975, p. 9)

Sociólogo, neste livro, o foco de análise é dirigido para a interação face a face. Quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, manipula as impressões que pode apresentar aos outros. Considerando a interação social como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata, utiliza-se de metáforas sobre a representação teatral para descrever essas interações sociais. Considera o indivíduo como um ator, que desempenha vários papéis, ou seja, indivíduos em situação de interação “representam” de forma similar ao realizado pelos atores em uma peça teatral. A representação comporta, de um lado, as necessidades e as expectativas daquele que “representa” e, de outro, a inter-influência com o “outro” e com a “platéia”. Num fluxo contínuo de interação o sujeito está atento às impressões que causa nos outros, e às manifestações e expectativas destes. Há, portanto, um componente de ilusão, de causar impressões em acordo com intenções determinadas.

Sem chegar a definir o que entende por identidade, Goffman utiliza o conceito nestes estudos, segundo um modelo tridimensional interdependente. Considera a identidade como constituída por três dimensões interdependentes: a identidade social, a pessoal e a do eu. Deste modo, são elementos constitutivos da identidade: os dados pessoais e os itens biográficos (identidade pessoal), as categorias e os atributos que os outros conferem ao indivíduo (identidade social) e as concepções e sentimentos que o indivíduo adquire em relação a si próprio (identidade do eu).

4 - IDENTIDADE: PERSPECTIVA COLETIVA

Ao estudar os processos identificatórios, Fernandes (2008) trabalhou com perspectivas como análise de componentes cognitivo, afetivo e valorativo do processo identificatório propostos na teoria da identidade social e na teoria da teorização do self; análise da categorização por atributos da organização e semelhanças no comportamento das pessoas; análise da socialização nas empresas; e análise dos tipos de vínculos das pessoas com as organizações.

A identidade social, interação e comunicação com os demais, segundo Hatch e Shultz (2004), estudada desde 1902 por Cooley, é entendida como a percepção que as pessoas têm da forma como os outros a vêem, formaria a noção de imagem organizacional.

Conhecida como teoria social da identidade, segundo Fernandes (2008), os trabalhos de Tajfel e Turner (1979; 1985) aproximam, no desenvolvimento das pesquisas, a teoria de categorização do self – foco: bases psicológicas do comportamento do grupo- e as condições de pertencimento a que o sujeito se submete. A autora percebe que, “a partir destas teorias, o indivíduo faz parte de diversos grupos sociais e se envolve em múltiplas identificações”(FERNANDES, 2008, p. 32) com vários sentidos de pertencimento que possibilitam que faça comparações e categorizações, que levam-no a construir as bases de sua auto-definição e autoestima.

Para Hall (2005), os processos de instabilidade, de mudanças, de extinção de instituições, o processo de formação da identidade defrontam-se com o desengajamento social, produzindo crises identitárias e fragmentação nas autodefinições. Para Fernandes (2008, p. 36), as organizações passam a determinar a trajetória sócio-profissional das pessoas e a construção de suas identidades, detendo uma “suposta identidade, numa alusão ao self individual. Surge, assim, a metáfora identidade organizacional...”.

Identidade organizacional é entendida por Albert e Wetthen (1985) como resultado das afirmativas sobre atributos centrais, distintivos e duradouros da organização, aspectos interdependentes que envolvem símbolos, cultura, valores organizacionais. Entendendo a

centralidade como percepção das pessoas sobre o que é essencial ou não para os objetivos da organização, tem-se aí um aspecto subjetivo da identidade organizacional.

De acordo com Fernandes (2008), a literatura organizacional aborda sobre três tipos de identificação: a pessoal: sujeito adquire qualidades do outro, aumentando sua auto-estima; a identificação social: entrelaçamento psicológico do sujeito com o destino de um grupo ou categoria social, importante para autodefinição; a identificação social: o sujeito incorpora a visão de mundo, a relação com o futuro, as possibilidades, interiorizando valores, normas e códigos simbólicos. A identificação organizacional seria, para a mesma autora, quando crenças do sujeito sobre a organização onde trabalha tornam-se referências para a sua identidade.

Na identidade organizacional as interações simbólicas envolvem os significados que o sujeito atribui à organização, importantes para entender os comportamentos no trabalho e a construção das identidades pessoais. Sentindo-se pertencendo ao grupo, pode perceber o destino do grupo atrelado ao seu, não havendo necessidade de esforços extras para atingir objetivos coletivos, pois os objetivos do grupo confundem-se com os seus.

Processos identificatórios são fundamentais na vida da organização podendo transformar e reescrever trajetórias sociais e subjetivas dos sujeitos e quanto maior a identificação, maior o desempenho e menor o turnover, de acordo com dados de pesquisas mais quantitativas levantadas por Fernandes (2008).

Uma das formas de favorecer a identificação das pessoas com a organização é a socialização. De acordo com Berger e Luckman (2005), maior identificação pode combinar com maior dedicação da pessoa com a organização, tendo esses contextos carga afetiva e as situações têm significados, envolvendo o sujeito. Exemplo dado pelos autores é o de indivíduos que ocupam altos cargos hierárquicos na empresa, havendo a tendência de aumento dos níveis de dedicação e exposição a fortes cargas emocionais, favorecendo sua identificação com a organização.

4- METODOLOGIA

Para responder as questões apresentadas anteriormente sobre quem é o tutor, como relaciona-se com as atividades de tutoria e compreender como esse profissional percebe-se, foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória.

Elaborou-se um questionário estruturado, que para Lakatos e Marconi (2003) é um instrumento de coleta de dados que constitui-se de uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas sem a presença do pesquisador.

A elaboração do questionário foi efetuada com a utilização de variáveis não métricas, representadas por atributos de natureza qualitativa. Hair (2005) descreve os dados não métricos como características ou propriedades categóricas que descrevem um objeto e destaca a utilização frequente dessas escalas em estudos que envolvem a ciências do comportamento. Assim, realizou-se um estudo exploratório de natureza descritiva e qualitativa (Gil, 2002;)

Para a realização da pesquisa, foi criado um formulário no Google Docs e encaminhando aos tutores (presenciais e a distância) atuantes do curso graduação de administração pública de um núcleo de educação a distância de uma universidade federal. Obteve-se resposta de quinze tutores de um total de vinte e oito.

5 - TUTORES: QUEM SOMOS NÓS - RESULTADOS

Os resultados são apresentados a seguir. Inicialmente expõe-se as características dos respondentes. A seguir, as categorias de análise identificadas são as apresentadas: escolha da tutoria, significado de ser tutor, características do tutor.

Os respondentes são tutores presenciais (21%) e a distância (79%) que foram selecionadas em janeiro de 2017, para atuarem como bolsistas da Universidade Aberta do Brasil, no curso de Administração Pública a distância, em uma Universidade Federal.

Quanto a faixa etária, 64 % dos tutores tem idade entre 30 anos e 40 anos; 14% tem idade entre 20 a 30 anos, 14% tem idade entre 40 a 50 anos e 8% acima de 50 anos, sendo 64% do sexo feminino e 36% do sexo masculino.

Quanto ao tempo de atuação como tutor, 57% dos respondentes declaram que estão há mais de três anos nesta atividade, 15% entre dois a três anos e 28 % há menos de seis meses como tutores.

5.1 - ESCOLHA DA TUTORIA

A escolha pela tutoria é apresentada como uma opção, com o objetivo de desenvolvimento pessoal e da profissão docente. Veem-se como docentes em formação:

Sou apaixonado pela EAD e já atuei como professor de disciplinas à distância. Sou professor universitário e resolvi experimentar esta outra visão de educação numa tentativa de compreender as diversas facetas do ensino de Matemática nesta modalidade. Estou gostando muito de atuar como tutor e tenho visto um vasto campo de pesquisa a ser explorado da área de Matemática. Não vejo a tutoria como uma profissão, mas como uma extensão da minha prática docente. Acredito que a atuação como tutor vem complementar a minha formação. Pretendo continuar atuando como tutor enquanto possível. (Tutor 1)

Desde criança quero ser professora, encontrei na tutoria uma forma de exercitar o ensino aprendizagem antes da sala de aula (Tutor 2)

Possibilidade de adquirir praticas docentes por meio da EAD (Tutor 3)

Até 2009 não conhecia muito bem sobre a EAD e em específico a função do tutor no contexto educacional. Como também sou formada em Ciências exatas minha primeira graduação, mas não segui a carreira como professora, vi a oportunidade de engajar na educação através da tutoria. Que se trata de uma área que eu gosto muito. (Tutor 4)

Outro ponto apresentado é a remuneração para a escolha dessa atividade:

É uma forma de sempre estar estudando e se mantendo atualizado, além de contribuir com uma remuneração extra (Tutor 5)

Está atualizando e aprendendo os novos conteúdos da área administrativa, ajuda financeira. (Tutor 7)

5.2 – O que significa ser tutor

Questionado sobre o que significa ser tutor, os respondentes identificam essa atividade com a atividade docente.

Significa aprender todos os dias novas formas de ensinar. (Tutor 4)

Estar aprendendo sempre e atualizando conhecimentos e com possibilidades para estar viajando (Tutor 2)

Aprendizado constante (Tutor 3)

Ser tutor é acompanhar, incentivar, orientar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem. (Tutor 7)

Um Professor a distancia.(Tutor 8)

Ajudar os alunos em sua formação educacional (Tutor 9)

Mediador de conhecimento (Tutor 10)

Um trabalho diferente e gratificante (Tutor 11)

Percebe-se que os tutores veem-se como

5.3 - Características do tutor:

Para os respondentes, ser tutor é

Professor. Formador. Mediador. Facilitador. Aprendiz.(TUTOR1)

Empatia; atuante; atitude; disposição; respeito.(TUTOR2)

Estudioso, compreensivo, flexível, responsável, comprometido(Tutor3)

Orientador, incentivador, apoiador, motivador, educador(TUTOR4)

Dedicação, sensatez, agilidade, percepção conhecimento.(TUTOR5)

Pessoa responsável em fazer um bom trabalho (TUTOR6)

Mediador, conselheiro, astuto, paciente e persistente.(TUTOR7)

Responsável, Disciplinado, Esforçado Interessado, estudioso (TUTOR7)

Motivador, organizado, empático, conhecedor, espécie de ponte (TUTOR10)

Auxiliador, moderador, professor, apontador e amigo (TUTOR10)

5.4 – FATORES DECISIVOS PARA SE TORNAR UM TUTOR

Foi solicitado que citassem fatores decisivos para se tornar um tutor:

- 1. Complementação da minha formação, pois a cada dia vejo que a prática como tutor me proporciona refletir sobre a minha atuação como docente e modificar aspectos importantes neste aspecto.*
- 2. Investigar o ensino de Matemática na modalidade EAD.*
- 3. Satisfação em poder ensinar. (TUTOR 1)*

Pensar no outro, ter disposição para aprender; necessidade financeira

1º experiência, pois consigo vislumbrar as dificuldades do ato de ensinar; 2º aprendizado, consigo aprender muito com alunos, professores, material didático; 3º bolsa, me auxilia nas despesas pessoais. (TUTOR 2)

* *Nova oportunidade de trabalho*
* *Entrada na área educacional*
* *Chance de adquirir novos conhecimentos e nova profissão (TUTOR 4)*
Experiência, satisfação pessoal, remuneração. (TUTOR5)
Poder trabalhar em outras atividades, gostar trabalhar na área de educação, ajuda renda. (TUTOR6)
Conhecimento - Dedicção - Paciência -. (TUTOR7)

Oportunidade de outro tipo trabalho.
Facilidade de trabalhar em casa ou qualquer outro lugar.
Somar o valor recebido da bolsa ao salário. (TUTOR8)

Realização pessoal, sempre gostei da área docente; aproximação com a universidade, o que motiva estar sempre procurando aprender e agregar mais; a responsabilidade com o aprendizado dos outros, é grande a motivação de fazer parte da vida das pessoas, em especial no seu aprendizado e crescimento profissional, uma vez que muitos alunos buscam novas oportunidades; (TUTOR9)
Desenvolvimento pessoal, experiência para mestrado, bolsa. (TUTOR10)

1 - Disciplina 2 - Conhecimento da área 3 - Boa comunicação. (TUTOR11)

Compromisso: já que os alunos se apoiam na única figura concreta de um curso a distância. .
Respeito pela diversidade: já que, na educação a distância, os alunos são muito diferentes, seja em nível de formação, localidades e dificuldades.
Compreensão : já que o lema da educação a distância é a flexibilidade, logo temos de respeitar qualquer dúvida ou dificuldade, principalmente no âmbito de acesso a tecnologias e informática. (TUTOR12)

1-oportunidade, (melhorar a parte financeira) ; 2-aperfeiçoamento (aproveitar todos os recursos que a EAD proporciona para capacitar-se), 3- curiosidade (novos desafios , favorecem mais aprendizagem e melhora o conhecimento) (TUTOR13)
Compromisso, gostar de atuar na área da educação, dedicação. Estes fatores refletem e influenciam, na minha opinião, na execução do trabalho do educador/tutor. (TUTOR14)
1 Crescimento individual, enriquece o meu currículo. 2 Ajuda financeira, embora defasada o valor da bolsa contribui muito no pagamento de minhas despesas. 3 Gosto de trabalhar no processo de ensino aprendizagem. (TUTOR15)

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tutores desse núcleo de educação a distância percebem-se como docentes em desenvolvimento e dizem que são tutores, pesquisadores, formadores e aprendizes.

Gostam de estudar e trabalhar com a educação a distância, são dedicados comprometidos e responsáveis, disciplinados, persistentes, observadores e curiosos. Consideram a atuação como tutor como uma carreira, embora transitória. Buscam uma complementação de renda, crescimento individual e realização pessoal. Assim, aproximam-se da universidade e da área docente.

Assim, a partir de sua percepção, o tutor é um profissional em formação, mediador e facilitador da aprendizagem dos alunos. Verificou-se que a remuneração contribui para a escolha de ser tutor. A visão dos tutores é que a remuneração proporciona um acréscimo de motivação que conduz as atividades e o comprometimento.

É importante ressaltar que esse artigo apresenta-se como um estudo exploratório, como uma primeira etapa de uma pesquisa em fase inicial, sem esgotar os resultados e as pesquisas sobre o tema, ficando assim, limitado aos aspectos propostos.

Referências

- ALBERT S. et all. Identification with organizations. In WETTHEN D. A.; GODFREY, P. C. (Eds.). Identity in organizations: building theory through conversations. Thousand Oaks: Sage, 1998
- ALBERT, S.; WETTHEN, D. A. Organizational identity. Research in organizational behavior. Stamford, v.7; p. 263-296; 1985
- BAUMAN, Z. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2005
- BERGER, P., L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CALDAS, M. P.; TONELLI, M. J. O homem camaleão e os modismos gerenciais: uma discussão sociopsicanalítica do comportamento modal nas organizações. In: MOTTA, F.; FREITAS, M. E. Vida psíquica e organização. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- CALDAS, M. P.; WOOD, T. Jr. Identidade organizacional. RAE Revista de Administração de empresas, São Paulo: v. 37, n.1. p. 6-17, 1997
- CARVALHO, M.L.; GRISCI, C.L.I. Gerenciamento de impressão em entrevista de seleção: camaleões em cena. ANAIS: XXVI ENANPAD, Salvador, 2002. (CDROM)
- COOLEY, C.H. Society and the individual. In HATCH, M. J.; SCHULTZ M. (Ed.) Organizational Identity: a reader. New York: Oxford University, 2004
- DI MAGGIO, P., POWELL, W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. American Sociological Review, n.48, p.147-160, 1983.
- ERICKSON, E. H. Identidade, juventude e crise. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987
- FREUD, S. El malestar em La cultura. In FREUD, S. Obras completas 3 ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo III, p. 3017-3066.
- FREUD, S. El porvenir de una ilusion.. In FREUD, S. Obras completas 3 ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II, p. 2961- 2992066.
- FREUD, S. El Yo e el Ello. In FREUD, S. Obras completas 3 ed. Madrid: Biblioteca Nueva,

1973. Tomo III, p. 2701-2728.
- FREUD, S. Introduccion al narcisismo. In FREUD, S. Obras completas 3 ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II, p. 2017-2034.
- FREUD, S. La Interpretacion de los sueños. In FREUD, S. Obras completas 3 ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. Tomo I, p. 330-720.
- GERGEN, K. The saturated self: Dilemmas of identity in Contemporary life, New York: Basic Books, 1991
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petropolis: Vozes. 2008
- GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- GREY, C. O fetiche da mudança. RAE Revista de Administração de empresas. São Paulo: v.44. n.1. p. 10-25. 2004
- HALL, D.T. The career is dead, long live the career: a relational approach to careers. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.
- HALL, D.T. The career is dead, long live the career: a relational approach to careers. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.
- HALL, P. A.; SOSKICE, D. Varieties of capitalism: the institutional foundations of comparative advantage. Oxford: University Press, 2001.
- HALL, S. A identidade cultural na pós modernidade. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A 2005
- HATCH M. J.; SHULTZ, M. Introduction. In: The dynamics of organizational identity (Ed.) Organizational identity a reader. New York: Oxford University, 2004
- MEAD, G. H. The self: the I and the me. In Organizational identity a reader. New York: Oxford University, 2004
- MILL, Daniel Ribeiro Silva; RIBEIRO, Luiz Roberto de Camargo & OLIVEIRA, Marcia Rozenfeld Gomes de. (Orgs.) Polidocência na Educação a Distância- múltiplos enfoques. São Carlos: EdUFSCAR, 2010
- PEREIRA. M.C., BRITO, M.J., CARRIERI, A.P., LIMA, J.B., CAPPELLE, M.C.A. A abordagem sócio-construcionista e a produção de sentidos sobre o desemprego: um estudo no setor industrial da região metropolitana de Belo Horizonte. Organização & Sociedade, v.15. n.47. out/dez/2008
- TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of intergroup conflict. In WORCHEL, S., AUSTIN, W. G. (Eds.) The social psychology of intergroup relations. Monterey: Brooks/ Cole, 1979
- WOOD, T. Jr.; CALDAS, M. P. Legacy identities during organizational change: the case of an Enron Subsidiary in Brazil. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO ENANPAD – 30 –